

IDENTIDADE DO PROFESSOR E DO APRENDIZ DE LÍNGUA ALEMÃ: UM LEVANTAMENTO ELETRÔNICO DE ALGUNS ESTUDOS BRASILEIROS

Cristiane Schmidt¹

Resumo: Na contemporaneidade, conviver com situações interlinguísticas e culturais tem-se configurado numa tendência dentre os diversos segmentos sociais, sendo que, como em toda a mescla de sabores, existe a possibilidade de transformações de características da própria identidade no confronto com outras formações discursivas. Nesse sentido, destaca-se que a formação da identidade profissional de professores, a alteridade e a representação de professores a respeito de si mesmos como falantes de uma língua estrangeira (LE) vêm sendo objeto de investigação de diversos estudos, contribuindo para a valorização desses profissionais. Dessa forma, procura-se apresentar algumas reflexões acerca da formação de processos identitários de professores e de aprendizes de língua alemã (LA), assim como de suas crenças e representações em relação ao referido idioma. A metodologia adotada consiste numa abordagem qualitativa, a partir de um levantamento eletrônico das pesquisas brasileiras no período de 2006 a 2012.

Palavras-Chave: Formação de processos identitários; professores e aprendizes de língua alemã; pesquisas brasileiras.

¹ Professora colaboradora do Curso de Letras Português/Alemão da Unioeste - Campus de Marechal C. Rondon. Mestre em Educação pela UFRGS. Licenciada em Letras Português/Alemão - UNISINOS.

IDENTIDAD DE LOS MAESTROS Y ESTUDIANTES DE IDIOMA ALEMÁN: UN ESTUDIO DE ALGUNAS ELECTRONICA BRASILEÑA

Resumén: En contemporáneo, situaciones y interlingüísticas culturales vivas ha establecido una tendencia entre los diferentes segmentos de la sociedad , y, como en toda la mezcla de sabores , existe la posibilidad de transformaciones características de su propia identidad en confrontación con otras formaciones discursivas . En este sentido , hay que destacar que la formación de la identidad profesional de los docentes , y la representación de los maestros, la alteridad con respecto a sí mismos como hablantes de una lengua extranjera (LE) han sido objeto de diversos estudios de investigación , contribuyendo al reconocimiento de estos profesionales . Por lo tanto , tratamos de presentar algunas reflexiones sobre la formación de los procesos de identidad para los profesores y estudiantes de la lengua alemán (LA) , así como sus creencias y representaciones en relación con ese idioma.La metodología consiste en un enfoque cualitativo , a partir de una encuesta electrónica de la investigación brasileña en el período 2006-2012.

Palabras Clave: La formación de los procesos de identidad, los profesores y los estudiantes de la lengua alemana; investigación brasileña.

1 INTRODUÇÃO

A diversidade no âmbito social e educativo requer uma aprendizagem contínua, em que se aprende a compartilhar novos significados e novos comportamentos de relações entre as pessoas. Trata-se de uma maneira de educar que parte do respeito à diversidade como valor e que se mostra como novo paradigma, desafiando os profissionais da educação, a comunidade escolar e a sociedade democrática. A posição social e pedagogicamente recomendada vai ao encontro com essa perspectiva, considerando diversos benefícios.

Trazendo essa discussão para o campo linguístico, em especial para o ensino e a aprendizagem de uma língua estrangeira (LE), destaca-se que a língua não está acabada a priori, mas está sempre se fazendo e refazendo, da mesma forma que os sujeitos se tornam sujeitos pelo fato de interagirem uns com os outros, num determinado tempo e contexto. Essa concepção de linguagem reconhece o processo interacional como espaço de construção de sujeitos e da sua própria linguagem.

O confronto com a diversidade linguística e cultural implica na perspectiva teórico-metodológica que concebe as diferenças não como desigualdades ou juízos de valor, mas como outra maneira de significar o mundo. Nessa perspectiva, evidencia-se um preparo perante os desafios provenientes do encontro com a diversidade, com melhores condições para interpretar os possíveis deslocamentos dele decorrentes, não como algo ameaçador, mas, sim, enriquecedor.

Isso se justifica no cenário atual, marcado pela globalização, pela diversidade e troca virtual, em que o papel das línguas estrangeiras está em ascensão, traduzindo-se num marco da contemporaneidade. Existe, como em toda mescla de sabores, a possibilidade de transformações de características da própria identidade no confronto com outras formações discursivas.

Nesse 'caldeirão linguístico e cultural' cada sujeito vai construindo sua identidade e apoiando-se nos aspectos considerados fundamentais e definidores das suas escolhas, ao passo que tem uma forma singular de ver o mundo e de enfrentar situações inesperadas. A construção da identidade de professor tem vinculação com a forma, na qual esse profissional se percebe e se sente, assim como se situa em relação aos outros. Dessa forma, nesse processo, muitas vezes, espera o reconhecimento dos demais, sejam seus pares ou alunos.

O intuito deste trabalho é apresentar algumas reflexões acerca da construção identitária, considerando as pesquisas brasileiras relativas à caracterização da identidade de professores e de alunos de língua alemã, assim como as crenças sobre a língua e a cultura alemã. A escolha da presente temática procede da vivência enquanto professora de língua alemã e colaboradora do processo de formação de futuros professores, assim como da constante reformulação da identidade profissional.

2 IDENTIDADE(S): ASPECTOS CONCEITUAIS E RELACIONAIS

No que se refere ao aspecto identitário, Bohn (2005) enfatiza que todos os sujeitos, mesmo antes do nascimento, são 'identificados' pelos demais, atribuindo-lhes uma identidade de gênero, etnia, classe social- o que concernem uma importância à temática da constituição identitária no âmbito familiar e social.

Da mesma forma, esse objeto tem adquirido relevância no âmbito institucional, especificamente, nos estudos acadêmicos. Quer dizer: a identidade destaca-se como um tema relevante nos debates educacionais, por se constituir numa parte integrante da formação e do exercício de professores. Ao mesmo tempo, a identidade ocupa destaque dentre diversos pesquisadores no campo da Linguística Aplicada no Brasil, como em Signorini (2002), Moita Lopes (2001) e Kleinman (1998); e assim como nos Estudos Culturais (Hall, 2003 e Silva, 2004).

Para Hall (2003), a identidade se forma, ao longo do tempo, mediada por processos inconscientes, sendo que permanece sempre incompleta, estando sempre em construção. A identidade não se caracteriza como algo fixo, mas está sujeita à mudanças e pode ser reposicionada. Essa definição entende a constituição identitária como em constante fluxo, prestando-se a reformulações e manipulações. Em outras palavras: trata-se do entendimento da identidade, enquanto uma construção social e histórica, sempre em processo, inacabada, multifacetada, fragmentada e híbrida.

No entendimento de Galindo (2004), a identidade pressupõe uma concepção do sujeito humano como portador da capacidade de simbolizar, de representar, de criar e de compartilhar significados em relação aos objetos com os quais convive. A autora afirma que a identificação é aspecto precursor da construção da identidade "por sugerir um vínculo ou atração, por parte do indivíduo, para algum objeto que esteja lá onde ele deseja estar" (GALINDO, 2004, p.15).

Nesse sentido, o reconhecimento e a identificação configuram-se como essenciais para se definir a identidade, visto que se voltam para o outro como modelo, na tentativa da busca da formação do ideal. Ou seja, a identidade pessoal refere-se ao modo de tratar o outro e de se posicionar a seu respeito, destacando características que marcam o sujeito como único e distinto. Conforme Scharfstein (2006, p. 1289), "a identidade se constrói na interação entre o eu e a sociedade, de forma indissociável. Portanto, trata-se de uma influência em uma via de mão dupla, na qual a sociedade é um produto humano, assim como o indivíduo é um produto social".

Por outro lado, a identidade o 'eu' por ser sempre relacional, é feita daquilo que 'o(s) outro(s)' não é, ou seja, a identidade está em constante relação com o outro e entende-se que seja marcada pela diferença (BOHN, 2005). Assim, a afirmação 'Sou professor de línguas, implica na medida em que não sou professor da área de artes, de matemática ou de informática'.

Em relação a isso, Brandão salienta que:

O diferente é o outro, e o reconhecimento da diferença é a consciência da alteridade: a descoberta do sentimento que se arma dos símbolos da cultura para dizer que nem tudo é o que eu sou e nem todos são como eu sou. Homem e mulher, branco e negro, senhor e servo, civilizado e índio [...] O outro é um diferente e por isso atrai e atemoriza (BRANDÃO, 1998, p. 7).

Ao mesmo tempo, destaca-se também a identidade cultural - a que tem como fundamento a origem, as raízes, aquilo que define o sujeito de maneira autêntica, e que se caracteriza como aquela que configura o sujeito contemporâneo marcado pelo hibridismo.

Em toda parte, estão emergindo identidades culturais que não são fixas, mas que estão suspensas, em transição, entre diferentes posições; que retiram recursos, ao mesmo tempo, de diferentes tradições culturais; e que são o produto desses complicados cruzamentos e misturas culturais que são cada vez mais comuns no mundo globalizado (HALL, 2003, p. 88).

O processo de interação dos sujeitos decorre da necessidade de mediação e da vida em sociedade, ou seja, o ser humano e sua necessidade intrínseca de se comunicar e de se relacionar são inerentes à condição humana. “O homem procura manter contato com outro em diversas circunstâncias de sua vida na tentativa de manter, com seu semelhante, relações tanto culturais quanto linguísticas com o objetivo de viver em sociedade” (ROSA; DAMKE, 2011, p. 217).

Embora a identidade seja um conceito de difícil definição, evidencia-se sua relação com a linguagem, enquanto parte constitutiva e constituinte do ser humano, pois que decorre da necessidade de interação e da vida em sociedade do homem com o(s) outro(s). Para Bassi Piconi e Fernandes Mateus (2011, p. 276), nesse cerne, encontra-se o “sentido de linguagem como a principal ferramenta mediadora da constituição da identidade de sujeitos, uma vez que é nela e por ela que a relação entre o ‘eu’ e o ‘outro’ se cria”.

Nesse sentido, Orlandi enfatiza que:

Sujeito e sentido se configuram ao mesmo tempo e é nisto que consistem os processos de identificação. Ao significar, nos significamos [...] Os sentidos não são algo que se dá independente do sujeito. Os mecanismos de produção e sentido são também mecanismos de produção de sujeito (ORLANDI, 2001, p. 205).

Em se tratando da aquisição da linguagem, é necessário destacar que a aprendizagem de uma segunda língua só é possível, porque o sujeito manteve contato prévio com a linguagem mediante uma Língua Materna, aquela aprendida por primeiro e que o inscreveu no mundo, assim como delimitou sua identidade. Segundo Revuz: “a língua estrangeira é, por definição, uma segunda língua, aprendida depois e tendo como referência uma primeira língua, aquela da primeira infância” (REVUZ, 2001, p. 215).

Para Rajagopalan, “as identidades da língua e do indivíduo têm implicações mútuas e estão sempre num estado de fluxo. Seriam identidades compostas, múltiplas, proteiformes” (RAJAGOPALAN, 2001, p.242). Quer dizer: a identidade é polifônica e multirreferencial, como também em processo contínuo de reformulação nas relações sociais, implicando numa multiplicidade de vozes do diálogo histórico e social.

Conforme visto, a identidade se constrói e se reconstrói, constantemente no interior das trocas sociais. Assim, não há identidade em si. “Ou seja, o uso da linguagem, o que falo e como falo, é uma forma de ação que envolve duas noções fundamentais: os conceitos de alteridade e contexto, isto é, com quem ou para quem falo e onde falo” (SCHARSTEIN, 2006, p. 1290). A identidade e a alteridade estão ligadas intrinsecamente e implicam em uma relação dialética, acompanhada pela diferenciação.

Portanto, a posição assumida nesse trabalho corresponde à definição de identidade como sendo fragmentada, multifacetada, inacabada, complexa, heterogênea, construída na relação e marcada pela diferença. A identidade, seja ela pessoal, cultural ou profissional, não é um atributo inato nem unitário, mas um fenômeno relacional que está em constante fluxo. Assim, a identidade não é algo que se tem, mas que se desenvolve ao longo de toda a vida do sujeito.

2.1 CONSTITUIÇÃO IDENTITÁRIA DO PROFESSOR E DO APRENDIZ DE LÍNGUA ESTRANGEIRA

Pimenta e Anastasiou (2011) orientam que a identidade não pode ser adquirida, visto que está associada ao processo de construção do sujeito inserido num determinado contexto social e histórico. As autoras destacam, ainda, que a identidade profissional vem se modificando para atender as novas necessidades da sociedade. Essa consideração vale para o caráter dinâmico da identidade docente, enquanto prática social.

Conforme Simões Calvo (2012, p.144), dentre algumas considerações sobre a profissão docente, destaca-se que essa profissão possui um aspecto singular, visto que, como todos têm um contato com o professor, identificam-se representações, crenças e ideias sobre o que caracteriza essa atividade profissional; sendo que tais representações são (re)construídas durante a trajetória escolar de cada sujeito.

“O processo de construção da identidade docente se dá a partir de inúmeros, minúsculos e invisíveis trabalhos de sujeitos, que deixam marcas na sua produção discursiva. Por isso, a subjetividade docente é trabalho singular e individual, mas dela decorre a construção social da identidade deste profissional” (ANDRADE, 2010, p.188).

No entendimento de Bohn, em seu estudo acerca da identidade do profissional de línguas, a identidade é fruto de um sistema de relações entre diferentes vozes, ou seja, trata-se de ‘uma polifonia de vozes’ que se manifesta nos diferentes espaços e tempos em que se movimenta o sujeito, em seu meio social e ao longo da sua história (BOHN, 2005). São as diversas vozes que contribuem para a constituição dos traços identitários, tais como: a voz institucional (teóricos, os professores formadores e as instituições que se expressam nos discursos pedagógicos); a voz do governo (os documentos oficiais); a voz da sociedade; as vozes dos colegas da profissão e a voz da família; enfim, diversos olhares, crenças ou representações que os ‘outros’ possuem acerca da docência, assim como as vozes que mediante tal relação configuram-se como colaboradores desse processo (BOHN, 2005).

Para esse autor, a identidade pode entrar em crise, na medida em que algo que se considera fixo, estável e coerente for colocado em dúvida e incerteza. Ou seja, considerando que a identidade é construída por meio das interações sociais e práticas sociais e discursivas, ela muda conforme mudam tais práticas. Em se tratando da identidade de professores de línguas, Bohn (2005) constata haver certa ‘crise de identidade’, decorrente de constantes deslocamentos, incertezas, marcados pelas circunstâncias do contexto socioeconômico atual. Em outras palavras: a presença da globalização, as demandas profissionais emergentes, podem provocar uma acirrada concorrência e sentimento de instabilidade.

Em se tratando de alunos na qualidade de aprendizes de língua estrangeira, Barcelos e Abrahão (2006) destacam que é fundamental que se tenha consciência acerca das crenças dos aprendizes para uma melhor compreensão de suas dificuldades e frustrações. Os autores alertam que, no contexto brasileiro, as crenças e as representações que os alunos têm sobre a aprendizagem de uma língua estrangeira retratam uma metodologia centrada no professor, ao passo que essa prática pedagógica dificulta a autonomia do aprendiz e estimula sua postura passiva.

Essa pesquisa, enfatizando a cultura de aprender línguas, apresenta três crenças dos aprendizes, a saber: “a aprendizagem como aquisição de aspectos gramaticais, a responsabilidade do professor pela aprendizagem do aluno e a aprendizagem rápida, eficiente e ideal na língua-alvo” (BARCELOS; ABRAHÃO, 2006, p. 165). Nesse sentido, entende-se que o aluno, ao iniciar o estudo de um idioma estrangeiro, traz determinadas concepções sobre linguagem e aprendizagem de línguas e de cultura.

Para Orlandi (2001) em relação à aquisição de uma língua estrangeira “toda tentativa para aprender uma outra língua vem perturbar, questionar, modificar aquilo que está inscrito em nós com as palavras dessa primeira

língua” (ORLANDI, 2001, p. 217). Em outras palavras: o encontro com outras formações discursivas, no caso aprendizagem de uma língua estrangeira em contexto formal, constitui-se numa experiência mobilizadora de aspectos identitários dos sujeitos aprendizes. Nesse sentido, é importante a reflexão sobre o aprendiz estar ou não pronto para essa nova experiência.

No entendimento de Rajagopalan (2001, p. 41), “quem aprende uma língua nova está se redefinindo como uma nova pessoa”. Vendo deste modo, é impossível deixar de considerar a relação entre língua, cultura e identidade como parte fundamental da formação de um professor ou até mesmo de qualquer falante/aprendiz de outra língua. Isso implica num questionamento que transforma a identidade do sujeito com essa característica de constante enfrentamento.

Da mesma forma, Revuz (2001) concebe o aprendizado da língua estrangeira como o desejo pelo novo, pelo diferente, estranho, o que tem implicações na constituição identitária de aprendizes, sendo que esses podem ser interpelados a admirar o ‘outro’. Assim, instaura-se um deslocamento, ou seja, a formação de um novo sujeito, diferente, um sujeito híbrido.

No que diz respeito, especificamente, ao trabalho pedagógico com a língua alemã, vale destacar que, conforme Pupp Spinassé (2009), esse idioma ocupa um espaço significativo no contexto nacional, devido à Alemanha ser um parceiro comercial do Brasil e uma grande potência, no cenário mundial, assim como pelo fato da história de imigração de falantes de língua alemã, influenciando as tradições culturais e folclóricas brasileiras.

Na mesma perspectiva está o artigo da Revista Estudos Germanísticos *Pandaemonium Germanicum*, em que Savedra, Liberto e Capareto-Conceição (2010, p. 18) destacam que o “alemão ocupa o décimo lugar com 90,3 milhões de falantes distribuídos em 43 países/regiões” no cenário mundial e é “uma das mais difundidas línguas dentre as ensinadas como língua estrangeira”. Esse estudo aborda que, no Brasil, a língua alemã é uma “língua em contato porquanto língua minoritária alóctone. Língua de contato porquanto é ensinada como língua estrangeira (LE) e como segunda língua (L2) na rede oficial de ensino” (SAVEDRA, LIBERTO; CAPARETO-CONCEIÇÃO, 2010, p. 2).

Também o estudo de Rozenfeld (2007) – objeto de investigação do presente levantamento eletrônico - reitera que a língua alemã é o segundo idioma mais ensinado como língua estrangeira na Europa; entretanto, ele alerta que, no Brasil, é ainda pouco conhecido.

3 APRESENTAÇÃO DOS TRABALHOS

O objetivo deste trabalho implica num estudo bibliográfico sobre a identidade do professor e de aprendizes de língua alemã no Brasil, cujo levantamento de dados foi feito por meio eletrônico com base nos estudos disponíveis de 2006 a 2012. A coleta foi realizada através da Internet utilizando-se das ferramentas de busca Google e de publicações,

especificamente dissertações e teses, de instituições de Ensino Superior que ofertam programas de pós-graduação em línguas.

As questões que norteiam a presente investigação são:

Existem características recorrentes nas pesquisas brasileiras sobre a identidade de professores e de aprendizes de língua alemã?

Quais as crenças e representações de professores e aprendizes em relação à língua e à cultura alemã?

Enquanto procedimento metodológico, utilizaram-se como palavras-chave, para a busca das pesquisas, os termos 'identidade do professor de alemão', 'identidade do professor de língua', 'identidade profissional do professor de língua alemã' e 'identidade de aprendiz de língua alemã'.

Foram encontrados 5 estudos, dentre eles 2 teses analisando a perspectiva de professores e 3 dissertações acerca de aprendizes de língua alemã. Analisaram-se os estudos mediante a perspectiva qualitativa-descritiva, considerando as seguintes categorias: objetivos, definição de identidade, pressupostos teóricos, metodologia/perguntas-guia e resultados.

Nos quadros a seguir, podem ser visualizadas as categorias de análise utilizadas para o presente estudo. Vale destacar que as pesquisas encontram-se em 2 quadros, a saber: o primeiro mostra os trabalhos encontrados com foco nos professores e, o segundo, no que se refere aos estudos sobre aprendizes.

Quadro 1: Pesquisas sobre professores

1- Autor/ano Instituição/ Título	AMATO DIAS (2012, UFPR) / <i>Aproximação e distanciamento: processos de construção de identificações culturais do professor de língua alemã.</i>
Objetivo(s)	- Discutir como as narrativas formadas sócio-historicamente influenciam na formação de uma identidade em constante questionamento; - Saber se e como a formação da identidade do professor de língua estrangeira é influenciada pela cultura da outra língua; - Verificar como e a partir de quais discursos a identidade do professor é formada.
Definição de Identidade	Identidade em constante fluxo e modificação (RAJAGOPALAN, 2003; MOITA LOPES, 2002 e 2006; CORACINI, 2003; SIGNORINI, 2006); construção da identidade visando o desejo pelo novo, pelo diferente, estranho (REWUZ, 1998). Estudos culturais: crise de identidade, sujeito descentrado (HALL, 2005).
Pressupostos Teóricos	<u>Linguística Aplicada</u> : campo de pesquisa sobre a formação de professor de língua, estudos sobre os conhecimentos da natureza linguística e a reflexão crítica da prática docente; problematização dos três aspectos chave: concepções de língua – identidade – cultura (GIMENEZ, 2005).
Metodologia/ Perguntas-guia	Perspectiva Narrativa Oral/Autobiografia Instrumentos: Histórias de vidas de 17 professores no Centro de Línguas e Interculturalidade (CELIN) da UFPR.

	<u>Perguntas-guia:</u> Como você se vê e como professor de alemão? Você se identifica com a língua alemã?
Resultados	<u>Aspectos da identidade:</u> Conflitos/questionamentos/identificações: consideram-se não alemães, nem brasileiros; são outros, possuem outra identidade; não tem consciência do hibridismo. <u>Traços identitários:</u> professores se identificam; aspectos de aproximação: sérios nas amizades, pontuais, organizados, gostar de compromissos, admiração de características, tidas como próprias do povo alemão (altruísmo, sinceridade). <u>Língua Alemã:</u> língua difícil; é um desafio; sendo que a língua do outro tem mais valia; presença de conflitos: ser falante de uma língua de menor prestígio (Língua Portuguesa) X ser professor de uma língua dominante (LA).
2- Autor/ano/ Instituição Título	SCHNEIDER (2007, UFRGS) / <i>Atitudes e concepções linguísticas e sua relação com as práticas sociais de professores em comunidades bilíngues alemão-português do Rio Grande do Sul.</i>
Objetivo(s)	Desvelar e discutir atitudes e concepções linguísticas (crenças e preconceitos linguísticos) de professores acerca de comunidades rurais e bilíngues alemão-português.
Definição de Identidade	Não consta
Pressupostos Teóricos	<u>Sociolinguística:</u> estudos de bilinguismo, política linguística e os estudos de atitudes e concepções linguísticas (SMITH, 1973; GILES, RYAN e SEBASTIAN, 1982; FASOLD, 1984; OMDAL, 1995; SEPÉ, 1998; BAGNO, 2002; KAUFMANN, 1997, 2003; ALTENHOFEN, 2004).
Metodologia/ Perguntas-guia	Pesquisa Qualitativa Etnográfica; Instrumentos: entrevista, gravação, filmagens; participantes: 20 professores; três escolas do município de Tupandi -RS. <u>Perguntas-guia:</u> Qual é a sua opinião sobre “falar alemão e português misturado” numa mesma frase? Esse fenômeno é comum em sua comunidade e/ou em sua escola? O que isso revela? Existem diferenças entre a produção oral em português (fala e leitura em voz alta) dos alunos falantes e dos não falantes de alemão? Em caso afirmativo, cite as principais e explique a que você atribui essas diferenças.
Resultados	<u>A Visão dos Professores sobre as Implicações dos Traços de Fala na Aprendizagem:</u> a crença de que “os alunos que falam alemão geralmente têm mais dificuldades no português; se eles não falassem sempre alemão em casa não fariam tanta troca de letras”; “falar alemão no dia a dia dificulta aprendizado do português”. Multilinguismo: 10 professores (50%) estão cientes da capacidade humana para o multilinguismo precoce seus benefícios sociais e cognitivos; falar alemão “favorece o aprendizado de uma segunda língua, que é natural cometer erros na aprendizagem”; “apesar da troca de letras, aprender a falar alemão, mesmo que dialetal, trará benefícios aos alunos”.

Quadro 2: Pesquisas sobre aprendizes

1- Autor/ano Instituição/ Título	UFLACKER (2006, UFRGS) / <i>As identidades negociadas nas aulas de alemão em ações que envolvem falantes de dialetos.</i>
Objetivo(s)	Examinar como aparecem e são ou não são cosustentadas as identidades negociadas pelos alunos falantes de dialetos na interação em sala de aula de alemão padrão.
Definição de Identidade	A interação tem uma posição central no conceito de identidade; as identidades se distinguem, se constituem e se alteram em uma situação de interação face a face (GOFFMANN, 2002); identidade tem relação com a diferença; se distingue por aquilo que não é (RAJAGOPALAN, 2003) identidade não é algo fixo, mas construções discursivas, estando sujeito as mudanças (MOITA LOPES, 1996 e 2002);
Pressupostos Teóricos	<u>Sociolinguística Interacional</u> : estudo das diferenças/do dialeto, como língua de menor prestígio, devido a interesses extralinguísticos e ideológicos (RAJAGOPALAN, 2003).
Metodologia/ Perguntas-guia	Análise microetnográfica (estudo da interação face a face, ERICKSON); Participantes: 2 turmas de alemão no Centro de Línguas da UFRGS; 1 turma do Curso de Letras; total 8 aprendizes, falantes de variedade dialetal <i>Hunsrück</i> . <u>Perguntas-guia</u> : Há ocorrência de produção dialetal na fala desses alunos? Como é tratada? O professor ratifica o aluno falante de dialeto? Como?
Resultados	<u>Aspectos da identidade</u> : Identificações/questionamentos/conflitos Turma iniciante: alunos se destacam- entendem o que é dito em alemão, conhecem o significado de vocábulos; Turma avançada: baixa ocorrência do dialeto nas interações (silenciamento, decisão de não mostrar o bilinguismo; para não ratificar que é alguém que não sabe 'o alemão correto/língua oficial'. <u>Traços identitários</u> : - alunos: o uso dos dialetos em sala de aula mostrou um atributo relevante, pois os alunos trazem palavras/expressões de seu dialeto e os comparam como os conteúdos da aula. - professores ratificam positivamente e reconhecem o conhecimento prévio dos falantes de dialeto e seus benefícios (auxiliar no aprendizado do alemão padrão; esse conhecimento não é negado na sala de aula).
2- Autor/ano/ Instituição Título	COUTO (2009, UnB) / <i>Entre mundos de todos nós e mundos de cada um: uma investigação sobre crenças de alunos de alemão (LE).</i>
Objetivo(s)	Investigar as relações entre as crenças e as identidades de alunos.
Definição de Identidade	Aquilo que a pessoa é se define nos e pelos discursos nos quais circula e constrói (MOITA LPOS, 2003); identidades sociais como um feixe de traços identitários que coexistem, de forma

	contraditória, múltipla (LOPES, SILVA, 2003); Língua estrangeira – fonte de (re)construções identitárias; oposição de duas línguas e culturas.
Pressupostos Teóricos	<u>Linguística Aplicada</u> : crenças são socialmente construídas e influenciam no processo de interação; são o conhecimento e pressupostos culturais sobre definições de língua e modos de se aprender língua (BARCELOS, 2000).
Metodologia/ Perguntas-guia	<p>Pesquisa qualitativa: estudo de caso (17 participantes, estudantes universitários de alemão do nível básico(LE)); Instrumentos: questionários, narrativas, gravações em vídeo/áudio, entrevistas, observação de aulas/ diário de campo.</p> <p><u>Perguntas-guia</u>: Quais são as crenças de alunos de alemão sobre a língua alemã e sobre a aprendizagem de língua alemã? Como se caracterizam as identidades desses alunos de alemão? Quais são as possíveis relações entre crenças e as identidades desses alunos?</p>
Resultados	<p><u>Crenças sobre a língua e aprendizagem da língua alemã</u>: língua difícil, um desafio, mas também é lógica e interessante; língua rara, é um diferencial; é um orgulho, o contato com as raízes; exige dedicação, valoração da gramática (crenças prévias, motivações para aprender o idioma; não se restringem ao alemão; crenças arraigadas sobre a aprendizagem de LE).</p> <p><u>Características identitárias</u>: identidades reposicionadas/ambíguas: aprendizes dedicados, gostam de aprender; mas não como deveriam; mudança de postura, caráter de dinamicidade (perda da inibição na falar/perguntar/contribuir na aula); reorganização constante da identidade, gerando potencial de segurança, atitude e perda de omissão perante a vida, sem medo do erro; estudo do idioma com objetivo maior (contato com as raízes), símbolo de resgate das origens, repasse para as gerações sucessivas.</p> <p><u>Traços identitários</u>: dedicação, frustração, felicidade, exigência, segurança, insegurança, motivação, persistência.</p>
3- Autor/ano/ Instituição Título	ROZENFELD (2007, UFSCar) <i>Crenças sobre uma Língua e cultura-alvo (Alemã) em dimensão intercultural de ensino de Língua Estrangeira.</i>
Objetivo(s)	Investigar as crenças de alunos brasileiros de alemão em curso iniciante, quanto à língua e cultura alemã.
Definição de Identidade	Não consta
Pressupostos Teóricos	<u>Linguística Aplicada</u> : área de ensino/aprendizagem de LE; estudo das crenças de alunos e/ou professores sobre a língua e cultura-alvo, enquanto estranhos (ALMEIDA FILHO, 1993; BARCELOS,2006); crenças como conjunto de ideias e imagens pré-estabelecidas, construídas socialmente a partir de discursos midiáticos e nas interações; mitos- concepções populares estereotipadas (VIANA, 1993); estereótipo (BAUSINGER, 2007).
Metodologia/	Qualitativa- método etnográfico; coleta de dados (dois

Perguntas-guia	momentos): criação de um Curso de Extensão: “Alemão para iniciantes”/SP, análise das crenças e do perfil dos alunos, antes do contato com a língua e cultura em aprendizagem formal; Instrumentos: 1ª fase: 233 questionários com caracterização dos alunos e crenças; 2ª fase: 20 participantes do curso (<i>corpus</i> da pesquisa), questionários, entrevistas, filmagens <u>Perguntas-guia:</u> Que crenças quanto à língua e cultura alemã são levadas para a sala de aula por alunos brasileiros de cursos de alemão iniciante, quais suas características e origens? Quais são as implicações para o processo de aprendizagem de LA?
Resultados	<u>Crenças sobre a língua e o povo alemão:</u> -1ª fase: crenças tipalizadas (presença de estereótipos) sobre a língua alemã (difícil, forte, estranha), povo alemão (sério, rígido, distante, formal, disciplinado, metódico- informações advindas da história e mídia); -2ª fase: crenças relativizadas (aproximação/reflexão)- língua lógica, clara, apenas diferente, mas não tão difícil. Processo de desestrangeirização da LE: o “outro” não é tão estranho, é o ‘outro’. Crenças sobre o povo alemão constam como mistas, são crenças tipalizadas, mas com reflexão acerca da validade, com disposição para reformulações. Crenças são dinâmicas: construção social, podem ser reconfiguradas. <u>Implicações das crenças no ensino e aprendizagem:</u> Desmistificação de crenças: evidência de mudança nas crenças quanto a LA, alteração da visão inicial sobre a língua e cultura alemã: 100% dos participantes considera a língua interessante, importante, tem prazer em estudá-la, deseja continuar os estudos.

4 AS CATEGORIAS DE ANÁLISE: ALGUMAS REFLEXÕES

Segue uma visão geral de cada estudo apresentado anteriormente, assim como algumas considerações acerca de cada pesquisa. Nesse sentido, a pesquisa inicial com foco nos professores, a tese de AMATO DIAS (2012), procura investigar como são formadas as identidades culturais do professor de língua estrangeira, que ao entrar em contato com uma cultura e uma língua, sente-se pertencente àquele mundo e, por muitas vezes, até reforça características suas ou tenta apreender características do outro. Os pressupostos teóricos desse estudo centram-se na tríade: concepção de língua-identidade-cultura, considerando serem inseparáveis no que se refere à constituição do professor de língua estrangeira, no caso, língua alemã. Em relação à identidade do professor, destaca-se estar em consonância com o paradigma da pós-moderno, ou seja, sujeito não mais centrado, mas fragmentado e relacional, que está sempre direcionado ao outro e é formado pelo outro. Os instrumentos de investigação da pesquisa, quer dizer, as narrativas de professores, postulam que a língua estrangeira é um campo localizado como o lugar do outro; o qual apresenta embates, e questionamentos

constantes, transformando a identidade do sujeito (o professor) com essa característica de constante enfrentamento. A linguagem e a identidade em constante fluxo (RAJAGOPALAN, 2001) que correspondem com a concepção do sujeito descentrado e híbrido, deslocado e 'em crise de identidade' (HALL, 2003), mas que se identifica com isso, com a diversidade. Trata-se da constituição identitária do professor de língua alemã constituída por constantes deslocamentos, questionamentos e ressignificações.

A segunda pesquisa (SCHNEIDER, 2007), apesar de não tratar, de forma direta, aspectos relativos à constituição identitária de professores de língua alemã, apresenta questões importantes em relação às crenças de professor e alunos sobre a língua alemã, assim como a formação de professores de língua estrangeira. Nesse sentido, a autora reitera que se pode depreender que a valoração negativa do "sotaque alemão", possivelmente, fundamenta-se na estigmatização que a repressão linguística do Estado Novo destinou às variedades alemãs e aos seus falantes ao proibir o uso de alemão e no fato de a variedade dialetal *Hunsrück* ser associada à "fala do colono alemão", em contrapartida ao uso da norma padrão. Essa pesquisa salienta a importância da formação sociolinguística, com vistas à desconstrução de preconceitos linguísticos e a promoção de reflexões e práticas sociais que fomentem a inclusão social e a cultura do multilinguismo.

Em se tratando do foco nos aprendizes, o estudo de UFLACKER (2006) investiga as interações em sala de aula e as identidades ressaltadas em um contexto, no qual os alunos falantes de dialetos, ou seja, um conhecimento de alemão não padrão, procurando averiguar se as diferenças são tratadas com respeito por parte dos professores e se os aprendizes se aproximam do que é ensinado. Conforme os resultados, tais características das construções identitárias negativas não foram reforçadas pelos participantes na interação de sala de aula, pois os alunos falantes de dialetos não deixaram de participar verbal ou não verbalmente das atividades e foram reconhecidos como bons alunos pelos colegas. Nesse sentido, a autora discute como essas identidades são ou não são ressaltadas na relação ensino/aprendizagem. A escolha dos pressupostos teóricos desse estudo se coloca a favor das diferenças e apoia a construção gradual do conhecimento. Conforme o entendimento de Moita Lopes (1996), as diferenças na língua estrangeira devem ser consideradas apenas como diferenças linguísticas e culturais e não devem ser avaliadas de forma positiva ou negativa. Os resultados dessa pesquisa sinalizam que os alunos têm um conhecimento distinto dos demais, podendo questionar o ensinamento no contexto de sala de aula; por outro lado, demonstram baixa autoestima e insegurança em relação à língua que dominam e justificam o não-conhecimento.

A pesquisa de Couto (2009), da Universidade de Brasília, discute os conceitos e características das identidades e sua relação com a língua e com a aprendizagem de língua. Dentre as características centrais da construção identitária dos participantes da pesquisa, estão: *dedicação*, se tratando de um idioma complexo, desafiador, requer acesso constante à língua, é exigente

(língua agradável, forte, expressiva, língua difícil, interessante, exige tempo para proficiência, um desafio, com palavras extensas); *felicidade*: falar o alemão representa uma recompensa, devido à escolha pelo idioma ser uma decisão pessoal, realização de um sonho (língua rara, é um diferencial, é um orgulho); *segurança*: sentimento de estar no controle, de empoderamento, de potencialização, capacidade; *motivação*: tração identitário mais marcante nos participantes (prazer na aprendizagem, gostar de estudar; a língua alemã é a finalidade, não se estuda por uma finalidade externa). Nesse sentido, a autora destaca que tais traços são recorrentes em aprendizes de língua estrangeira, pois que esse aprendizado requer organização e reorganização das identidades dos aprendizes, assim como possibilidade de crescimento e de mudança de postura. Conforme a autora, vale destacar que investigações a respeito das identidades representam um campo vasto em expansão na Linguística Aplicada. Concluindo a pesquisa, a autora atenta para o fato de que, grande parte das pesquisas no Brasil, relaciona-se com outras línguas estrangeiras, havendo uma escassez de estudos, cujo foco esteja relacionado com a língua alemã.

A terceira pesquisa (ROZENFELD, 2007), mesmo não abordando questões relativas à identidade de aprendizes de língua alemã, apresenta questões relevantes no que tange à existência, no contexto brasileiro, de crenças sobre a língua alemã, como: imagens do alemão como língua difícil e pertencente a um grupo diferente, e do povo alemão associado à história, em especial às guerras. Tais crenças são construídas socialmente e perpetuadas pela mídia ou interpretação do estranho, sendo que essas imagens podem representar um bloqueio à aprendizagem ou interação com a cultura. Em relação à motivação dos participantes - coleta de dados da fase inicial, a autora destaca a existência de um número expressivo de estudantes com motivação extrínseca, ou seja, busca o estudo do idioma em função de interesses profissionais, uma necessidade do mercado de trabalho. Já, na fase seguinte, prevalece a motivação intrínseca, como interesse em aprendizagem de línguas e culturas. Rozenfeld destaca o papel fundamental do professor de línguas em relação à desmistificação de crenças, pois que muitas dessas crenças podem ser nocivas à aprendizagem, uma vez que estão permeadas de estereótipos. Nesse sentido, o estudo ressalta a função do profissional em induzir os aprendizes à reflexão crítica sobre tais crenças, possibilitando aquisição de tolerância em relação ao 'outro', não como estranho, mas como alteridade. Essa pesquisa destaca, ainda, que o professor tem a possibilidade de inferir no que se refere à construção das crenças existentes, no intuito de oportunizar uma discussão e reflexão acerca das mesmas e, finaliza, sinalizando para a carência de estudos como foco nas crenças específicas sobre a língua e a cultura alemã.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conforme Gamero (2011, p. 86) “pesquisas bibliográficas não são exaustivas, são situadas e determinadas de acordo com as escolhas de quem as

produzem". Dessa forma, esse estudo pretende identificar o que foi produzido dentro do contexto e tempo definido. Cumpre destacar que, pelo número limitado de publicações encontradas no levantamento eletrônico (2006-2012) sobre a temática da identidade com foco no professor e no aluno de língua alemã, não permitem estabelecer análises e/ou generalizações sobre pesquisas brasileiras.

Em relação às questões norteadoras dessa investigação encontra-se, inicialmente, a identificação de características recorrentes nas pesquisas sobre a identidade de professores e de aprendizes de língua alemã no contexto brasileiro. No entanto, pode-se depreender que, de uma parte, esses estudos reforçam a abordagem da identidade entendida como um fenômeno relacional, que está e se define em relação ao 'outro'. Não se compreende a identidade como entidade estável e um atributo fixo de uma pessoa, mas se encontra na abordagem do sujeito pós-moderno, um sujeito inconstante na sua essência, multifacetado e fragmentado. Esse aspecto justifica o estudo da identidade, enquanto temática relevante, uma vez que a estabilidade foi deslocada e descentrada, passando a ser objeto de problematização.

Nesse sentido, os estudos evidenciam caráter de dinamicidade e fluidez da identidade e a reorganização constante da identidade, o que se traduz nos aspectos identitários de professores e dos alunos, ora com aspectos conflituosos e ora com determinadas identificações e aproximações. As descobertas apresentadas nas pesquisas revelam que, mesmo os professores e os alunos identificando a língua alemã como complexa e difícil, sentem-se desafiados e atraídos pelo diferente, procurando aproximar-se dele (do outro), sentem-se motivados e demonstram persistência nessa busca em 'entender' o outro.

Em se tratando da caracterização dos alunos, os estudos evidenciam a constituição de identidades ambíguas, uma vez que os aprendizes se qualificam como dedicados que gostam de aprender; mas que não o fazem como deveriam, o que revela a coexistência de identidades contraditórias. Já, no que se refere à constituição identitária de professores de língua alemã, tais pesquisas mostram que, de uma parte, os professores se identificam com determinados traços identitários, como o fato de serem sérios nas amizades, sinceros, pontuais e organizados – o que indica admiração e aproximação.

Em contrapartida, certas características identitárias, apesar de serem valoradas positivamente como conhecimento agregador no que se refere ao uso de variante dialetal da língua alemã, foram registradas como traço limitador/desprestígio, fato que ainda, evidencia-se em determinadas práticas nas aulas de língua alemã como língua estrangeira.

Essas pesquisas sinalizam para a recorrência da identidade de professores e de aprendizes formadas por diferentes vozes, a voz do 'eu' e as vozes do 'outro'; assim não se consideram brasileiros, nem alemães, mas uma terceira identidade. Refere-se às identidades híbridas, pois o contato com a diversidade (diferenças linguísticas e culturais) implica em oscilar entre o 'eu

materno' o 'outro estrangeiro'. É um constante ir e vir, transitando entre as culturas e práticas discursivas.

No que diz respeito às crenças e às representações de professores e aprendizes em relação à língua e à cultura alemã, os estudos investigados reiteram a dinamicidades das crenças, enquanto construção social e histórica, possibilitando sua reconfiguração. Em outras palavras, nesses estudos as crenças iniciais, consideradas como tipicalizadas, nas quais há incidência expressiva de estereótipos sobre a língua e o povo alemão, transmutaram para crenças relativizadas, pois que tendem a refletir sobre a validade, com disposição para reformulações.

No que tange ao contexto formal de ensino e aprendizagem de LE, o contato e confronto de duas línguas e culturas promove identificação e reflexão sobre as semelhanças e diferenças, favorecendo o acionamento de um processo de ressignificação de crenças e reconstrução de identidades. Assim, o processo de desestrangeirização da língua estrangeira implica em qualificar o 'outro' não como tão estranho, mas simplesmente o 'outro'.

Nesse sentido, evidencia-se uma ligação estreita da identidade e da sua constituição com a linguagem, as crenças, os saberes, a cultura, subjetividade e as interações produzidas nas salas de aula, os discursos constituídos pela mídia e na sociedade, como um todo. Aí reside a importância dessas investigações, pois que o processo de ensino/aprendizagem de línguas é complexo. Assim, entender como os professores e os alunos se veem, se percebem e como vão (re)construindo suas identidades na interação com o(s) outro(s), implica numa contribuição epistemológica e, por assim dizer, instiga a construção de novas e futuras pesquisas.

Especificamente, vale ressaltar a lacuna existente em relação aos estudos que tratem da língua alemã e da identidade, o que pode promover reflexão e construção de diferentes e novos significados, implicando, de forma positiva, no processo de ensino e aprendizagem da língua e cultura alemã. Finalmente, reforça-se a importância da função social do professor de línguas perante as diferenças linguísticas e culturais, no sentido de que se promova reflexividade, diálogo e sensibilização, visando à construção colaborativa da sociedade plural e diversa.

REFERÊNCIAS

AMATO, Laura Janaina Dias. *Aproximação e distanciamento: processos de construção de identidades culturais do professor de língua alemã*. Curitiba: UFPR, 2012, 165 f. Tese (Doutorado em Letras) – Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2012.

ANDRADE, Ludmila Thomé de. Personagens e enredos de práticas pedagógicas na cena da formação docente. *Revista Educação & Sociedade*. Campinas, n. 110, v. 31, jan./mar. 2010, p. 179-197. Disponível em: <<http://www.cedes.unicamp.br>>. Acesso em: 6 mar. 2013.

BASSI PICONI, Larissa; FERNANDES MATEUS, Elaine. Resignificações de identidades de professores: uma análise do encontro com o outro. In: REIS, S.; VAN VEEV, K.; GIMENEZ, T. (Orgs). *Identidade de professores de línguas*. Londrina: Eduel, 2011, p.271-294.

BARCELOS, Ana M. Ferreira; ABRAHÃO, Maria H. Vieira. *Crenças e ensino de línguas: foco no professor, no aluno e na formação de professores*. Campinas: Pontes, 2006.

BOHN, Hilário A. A formação do professor de línguas: a construção de uma identidade profissional. In: *Investigações: Linguística Aplicada e Teoria Literária*. Recife: UPE, v. 17, n.2, p.97-113, 2005.

BRANDÃO, C. R. O outro, esse difícil. In: BRANDÃO, C.R. *Identidade e etnia*. São Paulo: Brasiliense, 1998.

COUTO, Letícia Coroa do. *Entre mundos de todos nós e mundos de cada um: uma investigação sobre relações entre crenças e identidades de alunos de alemão (LE)*. Brasília, 2009. 234 f. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada)-Instituto de Letras, Departamento de Línguas Estrangeiras e Tradução, Universidade de Brasília, Brasília, 2009.

GAMERO, Raquel. Identidade de professor de inglês. In: REIS, S.; VAN VEEV, K.; GIMENEZ, T. (Orgs). *Identidade de professores de línguas*. Londrina: Eduel, 2011, p.83-104.

GALINDO, Wedna Cristina M. A construção da identidade profissional docente. *Revista Psicologia Ciência e Profissão*. n.2, v. 24, 2004, p. 14-23.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na Pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

MOITA LOPES, L. P. *Oficina de Linguística Aplicada*. Campinas: Mercado de Letras, 1996.

ORLANDI, E.P. Identidade linguística escolar. In: SIGNORINI, Inês (Org.) *Língua(gem) e Identidade: elementos para uma discussão no campo aplicado*. Campinas: Mercado de Letras, 2001, p. 203-212.

PIMENTA, Selma G.; ANASTASIOU, Léa das Graças C. *Docência no ensino superior*. São Paulo: Cortez, 2011.

RAJAGOPALAN, K. O conceito de identidade em linguística: é chegada a hora para uma reconsideração radical? In: SIGNORINI, I. (Org.) *Língua(gem) e Identidade: elementos para uma discussão no campo aplicado*. Campinas: Mercado de Letras, 2001, p. 239-250.

REVUZ, C. A língua estrangeira entre o desejo de um outro lugar e o risco do exílio. In: SIGNORINI, I. (Org.) *Língua(gem) e Identidade: elementos de uma discussão no campo aplicado*. Campinas: Mercado das Letras; São Paulo: Fapesp, 2001, p. 213-230.

ROSA, Eliane Kreutz; DAMKE, Ciro. Os caminhos da linguagem: uma revisão histórica. *Revista Línguas e Letras*. vol. 12, nº 22, 1º Semestre 2011, p. 217-240.

ROZENFELD, Cibele C. Faria de. São Carlos: UFSCar, 2007, 197f. *Crenças sobre uma Língua e cultura-alvo (Alemã) em dimensão intercultural de ensino de Língua Estrangeira*. Dissertação (Mestrado em Linguística)- Departamento de Letras, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2007.

SAVEDRA, Mônica; Liberto, Heloisa; Carapeto-Conceição, Robson. Língua: questões de interculturalidade no ensino da língua alemã como segunda língua DaZ (Deutsch als Zweitsprache) – O caso dos "ovinhos de páscoa" (Ostereier). *Pandaemonium Germanicum*, São Paulo, n. 6, p. 204-219, 2010.

SCHARFSTEIN, Eloísa Adler. A identidade na velhice mediada pela ação do discurso. In: FREITAS, Elisabete V.; PY, Ligia [et al.] *Tratado de Geriatria e Gerontologia*. Rio de Janeiro:Ed. Guanabara Koogan S.A., 2006, 2ed. p. 1289-1294.

SCHNEIDER, Maria Nilse. *Atitudes e concepções linguísticas e sua relação com as práticas sociais de professores em comunidades bilíngues alemão-português do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: UFRGS, 2007, 261 f. Tese (Doutorado em Letras)- Instituto de Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2007.

SIMÕES CALVO, Luciana C. A identidade profissional de professores e professores de inglês: representações cosntruídas por alunos do terceiro ano do Ensino Médio. In: REIS, S.; VAN VEEV, K.; GIMENEZ, T. (Orgs). *Identidade de professores de línguas*. Londrina: Eduel, 2011, p.141-184.

PUPP SPINASSÉ, Karen. Duas faces do ensino do alemão como língua estrangeira no Brasil. *Em Aberto*, Brasília, v. 22, n. 81, p. 61-79, ago. 2009.

UFLACKER, Cristina Marques. *As identidades negociadas nas aulas de alemão em ações que envolvem falantes de dialetos*. Porto Alegre: UFRGS, 2006, 191 f. dissertação (Mestrado em Letras)- Instituto de Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2006.